

FEIRANTES E SUAS VIVÊNCIAS NO MERCADO MUNICIPAL DE SANTO ESTÊVÃO – BAHIA.

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa¹
Caline Oliveira Santos²

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a feira livre e os feirantes, com o objetivo de identificar as formas de articulação e as estratégias utilizadas por esses profissionais para permanecerem na feira. Além disso, busca-se analisar o cotidiano, o trabalho e o protagonismo dos feirantes, bem como contextualizar brevemente a história da feira livre em diferentes épocas, destacando as desigualdades existentes. A pesquisa foi realizada por meio da metodologia da História Oral, com entrevistas presenciais realizadas em 2024, utilizando formulários para coletar dados essenciais. O estudo foi desenvolvido com feirantes que comercializam frutas, verduras e hortaliças na feira livre do município de Santo Estêvão. A feira livre não se limita a uma função econômica, pois envolve questões de sociabilidade entre os sujeitos que ocupam esse espaço. As relações estabelecidas entre as famílias, a interação com o público de diferentes classes e as estratégias na arte de vender e sobreviver são alguns dos aspectos que tornam a feira um lugar de muitas vivências e histórias de sujeitos que contribuem para a economia local.

Palavras-chave: feirantes; feira livre; mercado municipal; Santo Estêvão (BA).

ABSTRACT

This article studies the street market and its vendors, with the aim of identifying the forms of articulation and strategies used by these professionals to remain in the market. In addition, it seeks to analyze the daily lives, work, and protagonism of the vendors, as well as to briefly contextualize the history of the street market in different eras, highlighting the existing inequalities. The research was conducted using the Oral History methodology, with face-to-face interviews conducted in 2024, using forms to collect essential data. The study was developed with vendors who sell fruits, vegetables, and greens at the street market in the municipality of Santo Estêvão. The street market is not limited to an economic function, as it involves issues of sociability among the individuals who occupy this space. The relationships established between families, the interaction with the public of different classes, and the strategies in the art of selling and surviving are some of the aspects that make the market a place of many experiences and stories of individuals who contribute to the local economy.

Keywords: market vendors; open-air market; municipal market; Santo Estêvão (Bahia, Brazil).

¹ Professora pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e coordenadora do grupo de pesquisa Nina Simone. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da Bahia (lato sensu) da UEFS. Email: arrpbarbosa@uefs.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8376-1945>.

² Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: calineolivers2017@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1778-4779>.

Introdução

A pesquisa em questão tem como objeto de estudo a feira livre no município de Santo Estêvão, Bahia, especificamente localizada no Centro de Abastecimento na Praça Lineu Cerqueira da Silva. O interesse pela temática surgiu diante da carência de materiais e textos para trabalhar com estudantes do ensino fundamental II na disciplina de Cultura Popular. Motivada pelo desconhecido e descontentamento, a pesquisa visa conhecer as histórias de pessoas não valorizadas e reconhecidas. O objetivo é investigar os feirantes, identificando as formas de articulação e estratégias utilizadas para permanecer na feira livre, além de analisar o cotidiano, trabalho e protagonismo desses profissionais. O problema central da pesquisa é compreender como se estruturam as relações econômicas e sociais dos feirantes em Santo Estêvão. Para abordar essa questão, a pesquisa se baseia em duas premissas: a metodologia e o campo historiográfico.

A metodologia adotada foi o método da História Oral,³ por meio de entrevistas recorremos às interpretações das narrativas a partir da memória. Deste modo, a pesquisa está inserida na História do Tempo Presente e versa trabalhar com feirantes do Mercado Municipal de Santo Estêvão, visto que é um espaço plural.

De acordo com Roger Chartier (1996) a História do Tempo Presente é o campo de estudo histórico que analisa as permanências e as rupturas do passado no presente. Sobre a História do Tempo Presente e o historiador Chartier (1996), ele afirma:

O historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é, pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. [...] a história do tempo presente confere uma acuidade particular a uma das questões mais difíceis com que se deparam todos os historiadores: a articulação entre

³ De acordo com Carla Pinsky (2008) Essa riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de “histórias dentro da história” que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a “hierarquia de significações historiográficas”, no dizer da historiadora italiana Silvia Salvatici. (p. 166) Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência — isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (Pinsky, 2008, p. 167).

a parte voluntária e consciente da ação dos homens e os fatores ignorados que a circunscrevem e a limitam (Chartier, 1996, p. 217).

Para Pierre Nora (1993), a fonte oral, instrumento utilizado para a realização da pesquisa, está relacionada à memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longa latência e de repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. [...] Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. [...] A memória emerge de um grupo que ela une. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (Nora, 1993, p. 9).

O acesso à informação é fundamental para a construção da História. Nesse sentido, “o estudo da memória por parte dos historiadores tem crescido muito nos últimos anos. Ele oferece oportunidades, aproveitadas por poucos estudiosos, para a cooperação com os antropólogos, sociólogos, críticos literários e psicólogos” (Burke, 2012, p. 172).

Durante a pesquisa de campo, realizamos observações sistemáticas do espaço da feira, do comportamento dos feirantes e clientes, bem como da organização das barracas. Posteriormente, a pesquisa foi apresentada para cada feirante de forma individual, esclarecendo sua importância e obtendo aceitação. Em seguida, realizamos entrevistas para coletar dados qualitativos.

Foram realizadas entrevistas com oito feirantes, sendo três mulheres e cinco homens. No entanto, a maioria dos feirantes (mais de 40) recusou-se a participar, alegando falta de disponibilidade ou medo de represálias relacionadas à aposentadoria, INSS ou programas governamentais.

Essa relutância em compartilhar informações evidencia a falta de conscientização sobre a importância da pesquisa acadêmica e o valor do reconhecimento dos feirantes como sujeitos relevantes para o município. Além disso, essa experiência destaca os desafios encontrados na História Oral.

Para garantir o sigilo e proteger os dados dos participantes, optamos por utilizar as iniciais dos nomes e sobrenomes dos feirantes nas informações coletadas durante as

entrevistas. Durante as entrevistas utilizei formulário elaborado com as seguintes perguntas: nome; idade; cor; escolaridade; tempo de atuação na feira livre; carga horária da jornada de trabalho; obtenção de lucros para a manutenção da família; segurança no local de trabalho; origem da mercadoria comercializada; cotidiano na feira livre; participação de familiares nas atividades como feirantes; desenvolvimento de outra atividade para a complementação da renda; desafios da profissão; se possui filhos ou netos em universidades. A partir destas informações foi possível chegar aos objetivos estabelecidos à pesquisa.

Para melhor compreensão, esta pesquisa foi organizada da seguinte forma: O primeiro tópico foi discutida a contextualização histórica do surgimento da feira livre. É discutido, no tópico seguinte, as mulheres ocupantes do espaço público, estas, enquanto provedora do lar. Em seguida, foi abordado as relações socioeconômicos que são estabelecidas na feira entre feirantes e clientes. No quarto tópico, os desafios enfrentados pelos feirantes, além disso, as estratégias⁴ e habilidades que são pensadas para que haja efetivação da compra e fidelidade da clientela.

Breve contextualização histórica sobre a feira livre

A feira livre é uma das mais antigas formas de comercialização e de relevância para as economias regionais. Foi a partir da feira livre que ocorreu o desenvolvimento do centro urbano durante a Idade Média, quando ainda se vivia sob os sistemas de feudo. A feira livre possibilitou as trocas comerciais, o crescimento das rotas marítimas e das trocas culturais. De acordo com Alexandre Oviedo Gonçalves e Mônica Chaves Abdala (2013, p. 1):

A origem da feira-livre remonta ao século IX, na Europa. Mercados locais organizavam-se com vistas a suprir a população com gêneros de primeira necessidade. Dessa forma, as feiras surgiam junto às primeiras aglomerações, inicialmente tidas como povoados e vilas e posteriormente cidades. [...]

Desde a Europa Medieval, as feiras se constituíam como espaços de sociabilidade, reunindo periodicamente mercadores de diversas regiões.

⁴ “Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaças [...] (Michel de Certeau, 1998, p. 99)”.

A partir dos portos italianos consolidava-se um comércio terrestre, levando mercadorias orientais por toda a Europa Ocidental [...].

A partir da necessidade de trocas de alimentos, as feiras surgiram na Europa do século IX, posteriormente, contribuindo para a formação de cidades. Essas feiras atraíam mercadores de diversas regiões, estabelecendo novas rotas terrestres, impulsionando o comércio, as cruzadas e o crescimento das cidades, o que deu origem à classe social burguesa.

No Brasil, a feira livre remonta ao período da escravidão. Os senhores de escravizados os obrigavam a trabalhar nas ruas ao ar livre para comercializar suas mercadorias. Mulheres negras ocupavam as ruas com vendas de quitutes, cocadas, produtos da lavoura e mercadorias diversas.⁵

Observar a feira livre exige o olhar a partir das relações pré-estabelecidas e históricas, inclusive a questão racial. O que também foi identificado por Márcia Regina da Silva Paim (2005):

A análise da variante racial também é necessária, pois as atividades ligadas ao preparo e comercialização de comidas, venda em quitandas ou ganho eram, em sua maioria, desempenhada (isto já antes do século XIX), por mulheres negras. Nesse sentido, procura-se estabelecer as relações entre as quitadeiras/ganhadeiras do passado e as feirantes atuais de São Joaquim.

Sabe-se que, biologicamente, o conceito de raça não se aplica a seres humanos, mas se constitui em uma categoria útil para análise das desigualdades de gênero juntamente com as de classe. No intuito de legitimar as "desigualdades e inferiorizações" raciais, a partir da segunda metade do século XIX, intelectuais europeus formularam uma série de justificativas que vão constituir as teorias racialistas [...] (Paim, 2005, p. 14-15).

De acordo com Paim (2005), o cotidiano de mulheres quitadeiras e ganhadeiras muito se assemelham ao trabalho realizado na feira atual, “Além de circularem com tabuleiros, gamelas e cestas habilmente equilibradas sobre as cabeças, as ganhadeiras ocupavam ruas, praças da cidade, destinadas ao mercado público e feiras livres onde vendiam quase tudo (Soares, 1994, p. 56)”. A representação, os símbolos da feira livre e

⁵ Refere-se aos chamados escravos de ganho, que trabalhavam nas ruas e por isso recebiam uma pequena remuneração, que, devidamente economizada por alguns anos, resultaria em monta suficiente para compra de sua alforria, conforme Stuart B. Schwartz (1988).

reflexo atual são do contexto de que estavam permeados os corpos negros, dando ênfase às mulheres, o que também foi evidenciado por Mary del Priori:

O aumento considerável da população urbana gerou novas oportunidades para o crescimento das atividades comerciais e de abastecimento. Multiplicaram-se os estabelecimentos de pequeno e médio porte como armazéns, açougues, adegas, quitandas, vendas, bares e botequins. A participação de mulheres nesse tipo de negócio foi, desde o início, determinante. Vários desses estabelecimentos eram, inclusive, conhecidos pelos nomes de suas proprietárias.

No comércio de rua, entre os vários tipos de ambulantes, muitas mulheres comercializavam verduras, legumes, frutas, flores, ovos, batatas, cebolas, aves, carnes, peixes, leite, pão, entre outros produtos. Algumas vendas eram eventuais, como a oferta de um excedente disponível ou sobras da produção de quintal. Em muitos casos, entretanto, a atividade era regular, como a das verdureiras, na sua maioria imigrantes, que expunham nas feiras livres o que produziam em chácaras existentes nos arredores da cidade [...] Ocupações como essas foram abraçadas por mulheres, não só por conta das dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mas por opção de não se empregar numa função regular, com horário fixo e jornada determinada (Priore, 2013, p. 64).

Conforme Priori, no século XX, no Brasil, as mulheres assumiram um papel fundamental nas ruas, comercializando uma variedade de produtos. Longe de ser uma mera distração, a rua representava uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, especialmente em uma época marcada por intensos preconceitos raciais e de gênero.

Nesse contexto, a rua se tornou um espaço de negócios e autonomia, permitindo que as mulheres exercessem controle sobre seu trabalho. Elas tinham a liberdade de produzir o que seria vendido, escolher o local e o momento de comercialização, o que lhes conferia uma sensação de independência e autonomia.⁶

Pode-se perceber que a feira livre de Santo Estêvão, assim como as demais feiras estudadas por outros autores/as, sobretudo, com as feiras brasileiras entre os séculos XVIII e XIX, retratado por um espaço ocupado majoritariamente por feirantes negros. Fato que foi identificado durante a observação da feira livre e confirmado com a

⁶ De acordo com Priori (2013, p. 65): “Muitas mulheres reproduziam no mercado de trabalho suas ocupações nos quadros domésticos — como lavar, passar e engomar — num esforço de ganho extra ou mesmo para tentar sustentar a família. Em locais onde a presença das imigrantes era significativa, as mulheres negras tinham mais dificuldade em encontrar trabalho, pois, por conta do preconceito, os padrões preferiam contratar o serviço das brancas. Com isso, as negras acabavam se concentrando em postos ainda menos valorizados e pior remunerados como os de doméstica, cozinheira, lavadeira e catadora de restos. Apesar dos míseros ganhos, o trabalho das lavadeiras foi uma das ocupações mais procuradas pelas mulheres dos setores populares”.

declaração dos oito feirantes entrevistados de Santo Estêvão, uma vez que se declararam como pretos ou pardos, confirmando o que foi percebido por Paim (2005):

[...] homens e mulheres negros foram inferiorizados perante outros segmentos raciais do país. Assim, pode-se entrever que atividades de menor prestígio, como ganhadeiras, quituteiras, quitandeiras e feirantes, foram relegadas às mulheres negras, que, por sua vez, demarcaram territórios e inscreveram sua atuação no comércio informal soteropolitano (Paim, p. 14-15, 2005).

A observação da feira e dos feirantes de Santo Estêvão nos leva a refletir sobre os corpos dos sujeitos, destacando questões de gênero e classe. Esses sujeitos trabalham arduamente de segunda a sábado, com jornadas que iniciam às 6h da manhã e se estendem até as 16h ou 17h da tarde, totalizando uma carga horária excessiva e com poucos ou nenhum direito trabalhista.

A feira livre de Santo Estêvão desempenha um papel fundamental na economia local, além de ser uma fonte de renda para os proprietários rurais. É nesse espaço que as mercadorias provenientes da zona rural circulam, valorizando a agricultura familiar. A articulação entre o campo e a cidade permite que os agricultores vendam seus produtos, como feijão, milho, farinha de mandioca, tubérculos, frutas, legumes, animais de pequeno e médio porte e artesanato.

Mulheres feirantes

As feirantes entrevistadas relataram que iniciaram suas atividades nas feiras ainda muito jovens, com algumas tendo trinta e outras, cinquenta anos de atuação. Isso significa que começaram a trabalhar como feirantes na adolescência ou juventude. Essas mulheres trabalham arduamente nas feiras livres de segunda a sábado, contribuindo significativamente para a economia local.

Através de seu trabalho na feira livre, elas conseguiram criar seus filhos, proporcionar-lhes educação e, atualmente, sustentam suas famílias e casas com o dinheiro ganho na feira. Além disso, muitas dessas mulheres exercem dupla ou tripla jornada, pois, além dos afazeres domésticos, também cuidam de plantações nas roças. Após um longo dia de trabalho, elas ainda se dirigem à roça para colher tubérculos e frutas para serem comercializados no dia seguinte.

Pela manhã, por volta das cinco horas, essas mulheres compram e recebem mercadorias para serem vendidas em suas barracas. A feirante M. S. S. declarou que:

Eu levanto cedo. Por volta das cinco horas da manhã ou pela tardinha, eu vou na roça pegar batata e mandioca. No quintal, eu pego manga, acerola, caju, jaca, umbu e laranja, caso eu tenha essas frutas, eu pego para vender. Também crio umas galinhas e vendo para alguns colegas e vizinhos. Com as galinhas que vendo, lucro um pouquinho. Crio galinha porque gosto, mas de vez em quando vendo e recebo um trocado (Entrevista concedida por M. S. S, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão).

Ao conhecer o cotidiano das feirantes santo-estevenses percebe-se o protagonismo e a autonomia dessas mulheres, o que, para Jumara Carla Azevedo Ramos Carvalho (2021) são:

[...] ações de autonomia e desenvolvimento econômico na luta pela sobrevivência e emancipação, sem perder de vista os adicionais desafios impostos pela desigualdade de gênero, criação dos filhos, enfrentamento de situações de preconceito, discriminação e dominação masculina que perpassam o papel social dessas mulheres que desenvolvem, enquanto sujeitos, estratégias e táticas de poder (Carvalho, 2021, p. 1).

As mulheres feirantes desempenharam ações que as levaram à autonomia, embora durante o percurso tenham encontrado desafios de cunho social, político e econômico, mas desenvolveram estratégias para alcançar posição que as colocassem em destaque (Carvalho, 2021).

Trabalhar na feira é bom! Quando estou em casa eu faço de tudo – faço as coisas de casa e trabalho na roça, porque na sexta e no sábado eu passo o dia todo aqui. Quando estou na feira eu vendo tudo, saio com meu dinheirinho, faço compras e vou para casa. É um trabalho muito tranquilo. Aqui eu consigo cuidar de tudo. Quando chego a casa, faço a janta e o almoço para trazer no outro dia. Tenho tempo de cuidar de uma rocinha... Mas geralmente eu compro mercadoria porque não é sempre que consigo pegar as coisas na roça e no quintal (Entrevista concedida por C. A, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão).

O protagonismo de mulheres feirantes vai além do comércio, uma vez que a renda adquirida é administrada por elas, e é com o trabalho na feira que as mulheres mantêm a sua casa e família (Prestes, 2018):

Estas mulheres iniciam seu protagonismo na agricultura, a frente do plantio sendo detentoras do saber-fazer em cultivos e colheitas. No espaço das feiras, exercem o domínio da comercialização e gestão do dinheiro, ainda atuam na defesa de um local digno para a feira, visto ser ela uma estratégia essencial para a subsistência familiar destas (Prestes, 2018, p. 13).

As feirantes de Santo Estêvão exercem um papel multifacetado, não se limitando apenas ao trabalho na feira, mas também à atividade agrícola. Elas são responsáveis por plantar e colher os produtos que comercializam, contando, muitas vezes, com o apoio de familiares, como filhos e esposos.

Nesse contexto, as feirantes desempenham um papel protagonista dentro de suas famílias, assumindo a responsabilidade pela administração do lar, da família e do trabalho. O protagonismo e a independência financeira, no entanto, não são conquistas fáceis. As mulheres feirantes enfrentam vários desafios, incluindo a árdua tarefa de gerenciar os serviços domésticos (Sarmiento, 2018).

Apesar desses obstáculos, o trabalho na feira livre oferece a flexibilidade de horário, permitindo que as mulheres feirantes de Santo Estêvão, que também são donas de casa, tenham uma participação econômica mais significativa em suas famílias.

Dia de feira

A feira de Santo Estêvão é um importante ponto de atração para pessoas das cidades vizinhas, como Ipecaetá, Rafael Jambeiro, Antônio Cardoso e Cabaceiras do Paraguaçu. Devido ao seu tamanho, o comércio de Santo Estêvão exerce uma influência significativa, atraindo vendedores e clientes para sua feira, especialmente nos dias de sexta-feira e sábado, quando há uma maior diversidade de mercadorias.

Conforme afirma o memorialista Claret Marques Fonseca (1983, p. 118), "o dia de sábado é o maior dia comercial da cidade, um dia de festa e encontros de amigos e pessoas conhecidas, de realização de negócios e relacionamento social". Um dos feirantes, M. G. J., compartilhou sua experiência: "tenho um bom tempo que trabalho aqui. Já conheci muita gente e fiz algumas amizades" (Entrevista concedida pelo feirante M. G. J, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão).

A feira livre de Santo Estêvão transcende sua função econômica, tornando-se um local de celebrações e socialização. É um espaço onde ocorrem trocas de conhecimentos, saberes, práticas e afetos entre amigos e onde as pessoas têm a oportunidade de conhecer novas pessoas de outros municípios.

De acordo com Fonseca (1983), a feira era o que havia de mais importante no município, pois fomentava a economia dos comerciantes da zona urbana e contribuía com a renda do agricultor rural. As mercadorias produzidas nas roças eram levadas para o comércio no centro da cidade, onde os comerciantes as compravam e vendiam em seus mercados ou barracas.

A feira também é um importante centro de comércio de produtos artesanais, como a cerâmica, que é trazida de regiões próximas, como Sítio Novo, do Oleiro, no município de Antônio Cardoso, e da fazenda Jacaré, no município de Ipecaetá (Fonseca, 1983, p. 118).

Fonseca (1983) destaca que o fluxo de pessoas da zona rural e das cidades vizinhas era intenso, com ônibus, caminhões, automóveis particulares e táxis transportando pessoas e mercadorias. A feira livre de Santo Estêvão continua a ser um importante centro de comércio, onde os residentes de municípios vizinhos e da zona rural comercializam uma variedade de produtos.

Imagem 1: Barracas da feira livre



Fonte: Caline Oliveira Santos, 2024.

Assim, observa-se que a feira livre descrita por Fonseca (1983) continua a existir com variedades, embora tenha sofrido mudanças estruturais ao longo do tempo. Além disso, a feira mantém sua importância para a economia local, oferecendo uma diversidade de produtos e, principalmente, promovendo a dinâmica entre o campo e a cidade, a agricultura familiar e a feira livre.

No mercado, é possível encontrar uma ampla variedade de produtos, como afirma Fonseca:

Na feira, que é no dia de sábado, encontramos cereais de diversas espécies, verduras das mais variadas, carne de boi, de porco, de carneiro e bode, fresca ou de sol, cerâmicas, farinha de mandioca. As carnes e a farinha de mandioca têm lugar de destaque em nossa feira. Artesanatos de quase todas as variedades, arreios de animais, bijuterias, perfumaria, tecidos, frutas regionais de acordo com cada estação do ano, pescador de água doce e de água salgada, frescos e salgados, fumo de corda, cachaça, requeijões, etc. (Fonseca, 1983, p. 118).

As mercadorias diferenciadas fazem parte da maioria da realidade das feiras da região nordeste. “ A feira livre, desde suas origens, se constitui um território de compras, vendas e trocas de mercadorias diferenciadas (alimentos, vestimentas, animais, produtos típicos, etc.) que aglutina tradicionalmente, população de diversas classes (Souza; Dantas; Matias, 2014, p. 6)”. O público da feira não está restrito apenas às classes menos favorecidas, pelo contrário, a ela possibilita o encontro e a troca cultural entre as classes. Como afirma Santos, 2018:

As experiências desses sujeitos sugerem percebermos a ruptura que estava ocorrendo nas relações sociais e também no mundo do trabalho na região do Recôncavo da Bahia e muitas pessoas viam na feira uma nova possibilidade no cenário regional. A Feira, além da grande capacidade e potencialidade para venda e compra de produtos e mercadorias, e de apresentar um desenvolvimento comercial contínuo e próspero, esses elementos devem ser conjugados com uma prerrogativa impar desse universo: a feira livre era o espaço da liberdade onde indistintamente todos podiam adentrar, mesmo sabendo que existia ali uma determinada lógica de privilégios para alguns indivíduos e hierarquias na organização espacial em função da condição do sujeito e de suas relações sociais. (Santos, 2018, p. 129)

A feira livre é um espaço de convivência e inclusão, onde pessoas de diferentes classes sociais e etnias têm acesso a produtos frescos, de qualidade e a preços acessíveis. Isso permite que todos os frequentadores da feira possam adquirir os produtos de que necessitam, garantindo uma alimentação saudável e de qualidade para suas famílias.

Essa realidade é um contraponto ao cenário encontrado nos supermercados, onde os produtos são frequentemente vendidos a preços inacessíveis, limitando o acesso a uma alimentação saudável e de qualidade para muitas pessoas. A feira livre, portanto, desempenha um papel fundamental na promoção da segurança alimentar e na redução das desigualdades sociais.

Desafios e estratégias na feira livre

A não conclusão da educação básica representa um significativo obstáculo que acarreta prejuízos e dilemas ao longo da vida. Neste contexto, os feirantes participantes desta pesquisa relataram que a maioria dos trabalhadores da feira não concluiu o ensino médio.

É sabido que o mercado de trabalho se tornou cada vez mais competitivo, o que leva os indivíduos que, por algum motivo, não concluíram a educação básica a recorrerem ao trabalho informal, como uma alternativa para garantir sua subsistência :

A grande maioria dos feirantes, porém, é constituída de uma população que não conseguiu se inserir no mercado formal de trabalho e transformou-se em atravessador-comerciante (comprador de produtos da agricultura e do artesanato para revenda na feira), ou são pequenos produtores agrícolas que buscam a feira para comercializar diretamente com o consumidor os produtos do seu trabalho (Souza; Dantas; Matias, 2014, p. 11).

O fato de não concluir os estudos, infelizmente, faz com que a desigualdade seja ainda mais pontual, o que afeta de modo considerável o mercado informal. Larissa Penelu Bitencourt Pacheco (2009) destacou que “as condições de vida nas quais se viam envoltos os empurrava para um misto de autonomia e subalternização, por serem seus próprios padrões e ao mesmo tempo, não possuírem direitos sociais básicos de trabalhadores (p. 167)”:

Nossos colaboradores e colaboradoras são pessoas idosas, que não possuíram assistência médica, transporte e outros benefícios de quem tem um ofício de carteira assinada. Alguns se aposentaram, por conta da idade, outros, orgulham-se por ter que trabalhar ainda idosos, para prover a família, quando não teriam outra opção de renda. Mas em sua maioria, os vendedores de frutas, verduras, cana, milho (para citar alguns) e as mulheres que se desdobram entre tarefas domésticas e outras formas de sustento em serviços gerais, não abrem mão de serem feirantes. Sabem desde muitas gerações, seus parentes, pais, avós, tios, viveram daquele mercado, são conhecidos na praça e interrupções nesta forma de vida não foram feitas sem traumas. Temos de considerar neste sentido, em que medida as pessoas são empurradas para esta forma de vida ou escolheram se inserir nela, como forma de adquirir outros patamares de sobrevivência autônoma (Pacheco, 2009, p. 169).

Da mesma forma que os colaboradores da pesquisa de Pacheco, os feirantes de Santo Estêvão optaram por continuar trabalhando na feira como uma forma de complementar

sua renda. No entanto, é necessário investigar outros fatores para compreender os motivos que os levaram a escolher o trabalho informal, que não oferece direitos trabalhistas.

Embora o período estudado por Pacheco seja diferente do período atual da feira de Santo Estêvão, ambas estão localizadas na mesma região, apenas 42 quilômetros de distância. Além disso, há semelhanças entre elas, o que sugere a continuidade da presença de condições desfavoráveis para os feirantes (Pacheco, 2009).

Foi observado que alguns feirantes contam com o apoio de familiares, incluindo filhos e esposos, que trabalham em outras barracas ou na mesma barraca, auxiliando na comercialização de alimentos. Essa dinâmica familiar revela a continuidade do trabalho na feira através das gerações de feirantes, demonstrando a importância da tradição e da herança familiar nesse contexto.

Para o autor Pereira (2020, p. 68) a feira é uma “unidade de caráter indivisível e ao longo do tempo são fortalecidas pelas relações de parentesco e compadrio”. “Há também aqueles que usam o espaço da feira para transmitir de geração para geração elementos da cultura popular⁷ representados das mais diversas formas [...]” (Souza; Dantas; Matias, 2014, p. 11).

Entretanto, é interessante notar que alguns feirantes têm filhos que concluíram o ensino superior, optando por seguir carreiras diferentes. Isso sugere que, em alguns casos, há uma mudança de nível social em curso.

No entanto, especulamos que, para muitos, trabalhar no mercado informal não é uma escolha genuína. A falta de acesso à educação formal pode limitar as oportunidades de emprego e renda, levando muitos a optar por trabalhar em barracas de terceiros até conseguirem recursos suficientes para montar sua própria barraca e se tornarem seus próprios patrões.

Conforme Souza; Dantas; Matias (2014), essa realidade revela a feira livre como um espaço de resistência e conflitos de classes. Além disso, a experiência vivenciada durante

⁷ Conforme Peter Burke, 2010: “Cultura” é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes; a minha definição é a de “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”. A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas [...]” (Burke, 2010, p. 10)”.

a infância e juventude também desempenha um papel importante na escolha de trabalhar na feira livre.

Assim, tornar-se feirante está muito associado às experiências que muitos homens e mulheres tiveram antes de assumirem esse ofício e adentrarem no cenário da feira. Muitas dessas experiências foram transmitidas entre gerações. Reconstituir as trajetórias e experiências desses sujeitos e interrogar suas motivações e escolhas são elementos fundamentais para entender aspectos desse tipo de trabalhador. (Santos, 2018, p. 118 – 119)

O contato com a terra, as plantações e a dinâmica estabelecida pelo agricultor rural e a feira livre são fatores que agregam as experiências do indivíduo que observa e participa do processo, mesmo que de forma indireta. A participação dos filhos na lida na roça é uma prática comum entre as famílias que sobrevivem dos produtos da terra.

Dessa forma, as experiências e memórias criadas ao longo da vida permitem que os indivíduos escolham seguir o caminho mais próximo de suas raízes, uma vez que as habilidades para dar continuidade ao trabalho exercido pela família fazem parte de seu cotidiano, sem a necessidade de novos conhecimentos, estratégias e investimentos.

Observou-se que, na feira livre de Santo Estêvão, jovens e adolescentes ajudam suas famílias a vender os produtos, fato que contribui para a inserção e continuidade do trabalho na feira livre.

No que diz respeito à representatividade do espaço da feira livre, Michele Paiva Pereira (2021) buscou identificar os símbolos e representações de resistência presentes na feira:

[...] o espaço da feira livre é constituído de r-existências de sujeitos que possuem uma lógica singular e demonstra ações de contra racionalidades nos aspectos da questão social, econômica, ao passo que também obedece a racionalidade dominante. A feira livre como lugar traduz a dimensão espacial do cotidiano por meio de existências e r-existências e demonstra uma série de possibilidades, em que feirantes e frequentadores demonstram ações de contradições da sociedade atual é possível possibilidades de superação (Pereira, 2021, p. 129).

Os feirantes empregam diversas táticas para garantir sua manutenção e continuidade. Para isso, eles adotam estratégias que incluem, além da qualidade da mercadoria, a organização, a localização da barraca, trocas de mercadorias, o uso de cadernetas e acordos verbais, bem como uma baixa taxa de adesão ao pagamento por cartão de crédito (Pereira, 2021).

Durante a pesquisa de campo na feira livre de Santo Estêvão, foram identificadas semelhanças com a feira apresentada por Pereira (2021). Os feirantes aceitam pagamento por meio de pix e possuem máquinas para cartões de crédito, sem acréscimo no valor da compra. Além disso, os clientes podem obter descontos, como, por exemplo, pagar apenas R\$ 20,00 em compras que variam de R\$ 21,00 a R\$ 22,00. Assim, os feirantes conquistam sua clientela por meio de estratégias, qualidade da mercadoria e possibilidades de pagamento.

A prioridade é evitar não vender, o que não significa que o feirante sairá necessariamente prejudicado com vendas e lucros abaixo do esperado. As alternativas de pagamento colaboram para o benefício de ambas as partes, pois o cliente não deixa de comprar e o feirante não fica sem receber. Pode ser observado na feira livre de Santo Estêvão na parte superior do lado direito da imagem abaixo marcas de cartões de créditos e a chave pix do lado esquerdo da parte superior:

Imagem 2: Barraca com variedade de pagamento



Fonte: Caline Oliveira Santos, 2024.

Os feirantes também foram questionados sobre as dificuldades inerentes à profissão. Entre as respostas, destaco algumas que expressaram insatisfação, como, por exemplo, o valor de compra das mercadorias.

Na feira, existem produtos cujos preços podem dobrar em períodos de seca ou chuva intensa, devido ao aumento do custo de aquisição. Conseqüentemente, os feirantes são obrigados a repassar esses valores aos clientes, o que nem sempre é acessível. Isso

leva a uma redução nas vendas, pois os clientes optam por não comprar ou compram em menor quantidade, afetando negativamente os lucros dos feirantes.

Por conta dos aumentos o feirante G. M. S respondeu que um dos desafios da profissão é “comprar e não conseguir lucrar (Entrevista com G. M. S, 24 de abril de 2024, Santo Estêvão)”. Conforme G. M. S, para que isto não ocorra, “o jeito é recorrer a outros fornecedores com preço mais em conta, e em algumas situações, tentar não repassar o aumento para o cliente em sua totalidade” (Entrevista concedida pelo feirante G. M. S, em 24 de abril de 2024, Santo Estêvão).

Já os consumidores dos municípios de São Gonçalo dos Campos, Serrinha e Santo Estêvão destacam-se pela frequência. Alguns motivos foram considerados para explicar esta ocorrência: a proximidade destes com Feira de Santana permite suas populações deslocarem-se à procura de serviços não existentes em suas cidades e terminam por estabelecer relações comerciais diversas, dentre elas, o consumo de produtos como o feijão. A produção rural de seus municípios é outro fator para a presença desses consumidores, por ocorrer apenas no período chuvoso, a safra local é logo esgotada, o que os leva a procurar o produto em espaços como o do Centro de Abastecimento, onde a presença da leguminosa é constante (Araújo, 2006, p. 115).

A tentativa dos feirantes de não repassar os aumentos de preços aos clientes demonstra sua fidelidade e preocupação com o público. Além disso, revela as táticas desenvolvidas para que ambos não saiam lesados. No entanto, é perceptível a existência de cuidado e simbologia ao repassar o aumento dos produtos.

Os feirantes, por estarem em contato contínuo com a feira livre, entendem que o aumento pode não ser aceito de forma positiva pelos clientes. Por esse motivo, eles são incentivados a buscar meios que amenizem o repasse do aumento em sua totalidade, considerando o contexto financeiro e social em que os clientes estão inseridos.

Alessandra Oliveira Araújo (2006) apresenta um estudo sobre a feira do feijão no município de Feira de Santana. Feira de Santana é uma cidade de referência, principalmente por ter um grande centro comercial que abastece as cidades vizinhas, incluindo o município de Santo Estêvão.

Já os consumidores dos municípios de São Gonçalo dos Campos, Serrinha e Santo Estêvão destacam-se pela frequência. Alguns motivos foram considerados para explicar esta ocorrência: a proximidade destes com Feira de Santana permite suas populações deslocarem-se à procura de serviços não existentes em suas cidades e terminam por estabelecer relações comerciais diversas, dentre elas, o consumo de produtos como o feijão. A produção rural de seus municípios é outro fator para a

presença desses consumidores, por ocorrer apenas no período chuvoso, a safra local é logo esgotada, o que os leva a procurar o produto em espaços como o do Centro de Abastecimento, onde a presença da leguminosa é constante (Araújo, 2006, p. 115).

De acordo com Araújo (2006) o centro de abastecimento recebe fornecedores de Santo Estêvão para comprar feijões, esses são feirantes que trabalham na feira. Araújo em sua pesquisa afirmou que “[...] o grande número de pessoas que procuram a cidade, e em especial, o Centro de Abastecimento, por conta da variedade de produtos e preços”. Ou seja, os feirantes estão continuamente em busca de produtos com qualidade, variados e com preços que sejam acessíveis ao seu público.

Para não perder a clientela, o feirante desenvolve estratégias, para além das habilidades desenvolvidas pelo feirante, Walkiria do Nascimento (2018) destacou que um dos métodos realizado com frequência que contribui para a obtenção de êxito na venda é:

A degustação de frutas é uma prática frequente entre os fregueses antes da compra, com o intuito de certificar-se da qualidade do produto, e quando não é um ato espontâneo do freguês e sugerido pelo feirante. O contato e escolha dos alimentos acionam quase todos os cinco sentidos do corpo humano, os fregueses analisam os produtos olhando, tocando, cheirando e, dependendo do produto, provando. Num banco de frutas o freguês apalpa uma uva e experimenta o feirante logo confirma a boa qualidade do produto dizendo: “a uva é boa, pode levar tranquilo”. Sendo assim, a degustação aparece também como estratégia de venda em que o feirante sugere a prova ao cliente para garantir a boa qualidade do produto para assim conseguir vendê-lo (Nascimento, 2018, p. 98).

A degustação é uma prática voluntária adotada pelos clientes para avaliar a qualidade do produto antes de efetuar a compra. Essa ação permite que os clientes tenham certeza da qualidade do que estão adquirindo, evitando assim a compra de produtos de baixa qualidade.

Os feirantes incentivam estrategicamente essa prática, pois uma vez que a qualidade do produto é confirmada, o cliente fica mais confiante para efetuar a compra. Essa abordagem promove a satisfação do cliente e fortalece a relação entre o feirante e o consumidor.

Foi relato pelo feirante C. R. C que:

A venda precisa ser boa para mim e para o cliente, né? mas não vou vender barato a ponto de não lucrar. Tenho família e preciso sustentar e levar o pão de cada dia. No final do dia, quando ainda tem mercadoria, às vezes, faço um preço menor, para não perder algumas verduras e coentro, mas quando estraga saio no prejuízo. Quando estraga levo para

casa para dar de comer aos animais. Perder mercadoria dificilmente acontece, porque compro um dia sim e dois dias não. A depender do movimento. O segredo é não comprar muito maduro. (Entrevista concedida por C. R. C, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão).

Concomitante aos desafios que exige a profissão, foi relatado que:

O ruim é acordar cedo para comprar as mercadorias. As vezes, acordo quatro horas da manhã para comprar as mercadorias em Feira. Não só eu, mas todos aqui. A gente compra lá e vendemos aqui. É cansativo! Ainda tem que ser gentil, ter disposição e receber bem os clientes. (Entrevista concedida por M. S. S, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão).

Além dos desafios que é de acordar cedo e comprar produtos de qualidade, o lucro obtido é incerto. Quanto à renda, os entrevistados responderam que: “o trabalho na feira é o suficiente para manter a casa e sustentar a família” (Entrevistas concedidas pelos feirantes E. G. S, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão); mas que: “aqui também há feirantes que apesar de aposentado, trabalham na feira; e outros têm outra fonte de renda” (Entrevista concedida pelo feirante G. M. S, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão). Houve também entrevistado que informou: “recebo benefício do governo, por problemas de saúde, tenho problemas de coluna, e para complementar a renda, trabalho na feira, pois o benefício recebido não é o suficiente” (Entrevistas concedidas pelo feirante P. A. C, em 23 de abril de 2024, Santo Estêvão).

De acordo com as respostas dos entrevistados, o trabalho na feira livre é fundamental para o sustento da maioria dos feirantes. O mês de junho é o período de maior venda, devido à atração de visitantes de diversas localidades para as festas juninas, como o São João e os santos juninos, tradicionalmente celebradas no nordeste do país.

Essa afluência de pessoas impulsiona a feira livre, aumentando a venda de mercadorias e gerando um retorno econômico significativo para a economia local e maior lucro para os trabalhadores da feira.

No que diz respeito à segurança dos feirantes e suas mercadorias, foi mencionado que existem câmeras de monitoramento e guardas. Além disso, apenas os feirantes com boxes e barracas fixas pagam impostos mensalmente à prefeitura pelo uso do solo. Contudo, durante a pesquisa, não foi encontrado nenhum banco de dados cadastrais dos feirantes.

Considerações Finais

Em suma, a feira livre de Santo Estêvão revelou-se como um espaço que transcende a mera compra de mercadorias. Além disso, ela representa uma construção social rica em vivências, histórias, crenças, sentimentos, resistências e estratégias que compõem o ambiente da feira. Essa dinâmica social dialoga com questões econômicas e sociais presentes na comunidade.

Os produtos comercializados na feira têm origens diversas, incluindo as roças dos agricultores feirantes, a agricultura familiar e os pequenos agricultores que comercializam seus produtos. Além disso, algumas mercadorias são adquiridas em outras cidades para serem comercializadas no Mercado Municipal de Santo Estêvão.

A feira livre de Santo Estêvão é um ponto de encontro para pessoas de várias localidades rurais do município, do centro, dos municípios circunvizinhos e até mesmo de outros estados e regiões do Brasil. Visitar a feira é uma "parada obrigatória" para quem vai a Santo Estêvão. Sejam filhos da terra ou visitantes, todos têm a oportunidade de usufruir dos benefícios, cheiros, sabores e delícias existentes na feira livre.

A feira livre de Santo Estêvão apresenta características únicas e diversificadas. No Mercado Municipal, é possível encontrar uma ampla variedade de produtos, incluindo carnes, farinhas, feijões, milhos, ervas medicinais, peixes, restaurantes, bolsas, roupas, calçados, chapéus, artesanato e, principalmente, verduras, legumes, hortaliças e tubérculos.

O trabalho na feira ocorre de forma geracional, com filhos, netos e sobrinhos dando continuidade ao negócio. Esse trabalho exige estratégias e disposição para obter vendas satisfatórias, gerando lucros e uma clientela fixa semanal ou quinzenal. A localização fixa das barracas facilita a fidelidade do cliente e o ganho do feirante.

A feira livre é um espaço rico em histórias e vivências, construídas diariamente entre os feirantes e clientes de todas as idades. Ela representa um encontro cultural, uma diversidade étnica e uma resistência existencial para os grupos que a compõem. Os feirantes veem a feira livre como seu sustento e, muitas vezes, criaram suas famílias através do trabalho árduo de plantar, colher, comprar e vender. Apesar das incertezas do trabalho informal, os feirantes resistem, utilizando habilidades estratégicas para manter a feira livre ativa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ARAÚJO, Alessandra Oliveira. Redes e centralidade em Feira de Santana (BA): o Centro de Abastecimento e o comércio de feijão. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Salvador, 2005.
- BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BURKE, Peter. História e teoria social. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venâncio Majer; Roberto Ferreira Leal. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- CARVALHO, Jumara Carla Ramos. Mulheres feirantes: cotidiano, trabalho, protagonismo e articulações femininas na feira livre em Caetité – BA (1991-2019). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2021.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coords.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 214-219.
- GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. “Na banca do ‘seu’ Pedro é tudo mais gostoso”: pessoalidade e sociabilidade na feira livre. Ponto Urbe, n. 12, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/528>
- MEIRA, Roberta Barros. Um sopro de mudanças: a Companhia Engenho Central de Aracaty e a produção açucareira mineira no final do Império. Vária História, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 598-600, jul./dez. 2009.
- NASCIMENTO, Walkiria do. Meio de feira: uma etnografia sobre estratégias de venda entre feirantes na feira livre de Itapororoca – PB. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Centro de Ciências Aplicadas e Educação, João Pessoa, 2018.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Khoury. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana (1960/1990). 2009. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em História, Feira de Santana, BA, 2009.
- PAIM, Márcia Regina da Silva. Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens feirantes em feiras soteropolitanas (1964-1973). 2005. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2005.
- PEREIRA, Michele Paiva. Feira livre de São Felipe – BA: espaço de (r)existências e lugar de resistências. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador, 2021.

BARBOSA, Andréa da Rocha Rodrigues Pereira; SANTOS, Caline Oliveira. Feirantes e suas vivências no Mercado Municipal de Santo Estêvão – Bahia. *BARAÚNAS: Revista de História*, Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 3, n. 4, p. 276-296, jan./jun. 2025. ISSN 2965-3053. DOI: 10.13102/barh.v3i4.11677

PERLATTO, Carla Martins de Lima. Engenho Central Rio Branco. Juiz de Fora: Departamento de Artes – ICE/UFJF, 1997.

PIRES, A. Café, finanças e indústrias: Juiz de Fora (1889-1930). Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2009. p. 55.

PRESTES, Alline da Silva. Relações de gênero e trabalho de mulheres agricultoras/feirantes no mercado municipal de Parintins – AM. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 16., 2018, Vitória. Anais... Vitória, 2018. v. 16, n. 1, p. 1-20.

PRIORE, Mary del (Org.). Nova história das mulheres no Brasil. Coordenação: Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

RAMOS, Pedro. Agroindústria canavieira e propriedade fundiária no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho de feirantes no Recôncavo Baiano – Santo Antônio de Jesus (1950-1970). 2018. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2018.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. esp., p. 95-102, 2007.

SOARES, Cecília Moreira. Mulher negra na Bahia do século XIX. 1994. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 1994.

SOUZA, D. H. B.; DANTAS, J. C.; MATIAS, T. B. O.; et al. Feira livre e cultura popular: espaço de resistência ou de subalternidade? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória.